

EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA INTENCIONAL PARA SUJEITOS SURDOS E OS MATERIAIS EM LIBRAS

Fabício Cordeiro ¹
Fabiola Sucupira Ferreira Sell ²

RESUMO

Quando o professor se depara com a responsabilidade de trabalhar a Educação sexual em sala de aula, há a possibilidade de delegar para outro profissional ou até mesmo se omitir. Caso o profissional esteja disposto a trazer esse assunto à tona, geralmente, apenas aborda o assunto de forma biológica, podendo assustar seus/suas alunos/as. Assim, a Educação Sexual Emancipatória Intencional (ESEI) pode ajudar a superar essa barreira. Pensando na Educação Sexual do sujeito Surdo, o desafio ainda é maior, ocasionada por ter uma língua diferente, a Libras. Logo, o objetivo deste estudo é investigar quais materiais e produtos educacionais adaptados para sujeitos surdos existem para a ESEI. Para isso, foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfica tendo como procedimento básico uma revisão de escopo, sendo selecionados seus resultados a partir da metodologia quali quantitativa. Foram encontrados 109 artigos e aplicados os critérios de inclusão que foram - trabalhos com Sujeitos Surdos que envolvessem a Educação Sexual, publicados no idioma Português e publicados entre 1950 até 2024 - remanesceram quatro artigos. No próximo passo da filtragem, o título e resumo foram considerados, sendo assim, separados dois artigos para análise integral. Como resultados dessa análise, constatou-se primeiramente que existem barreiras linguísticas e a falta da capacitação profissional para trabalhar com a Comunidade Surda. Além disso, também percebeu-se a falta de produtos e materiais adaptados em Libras na perspectiva da ESEI, a fim de promover uma Educação Sexual Inclusiva.

Palavras-chave: Educação Sexual Emancipatória Intencional, Sexualidade, Surdez, Comunidade Surda, Libras.

INTRODUÇÃO

Este artigo dá continuidade à pesquisa realizada que culminou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Educação Sexual Emancipatória para Indivíduos Surdos: Uma Revisão de Escopo". À época, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica quali-quantitativa com o objetivo de realizar uma Revisão de Escopo tendo como principal foco investigar as demandas educacionais de Educação Sexual Emancipatória para Surdos. Assim, os mecanismos de pesquisa utilizados foram - SciELO, Google Acadêmico e os Periódicos Capes, UDESC, UFSC, UNESP e, utilizando combinações nos idiomas português, inglês e espanhol das seguintes *strings* de pesquisa: "Educação sexual", "Surdos", "Escola" e "Ensino Fundamental". Com isso, obtivemos 144 resultados. Sobre os critérios de inclusão: trabalhos com Surdos que envolvessem Educação Sexual, pesquisas que estão gratuitas e

¹ Graduado do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/CCT - SC, fabriocordeirofbh@gmail.com;

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/CCT - SC, fabiola.sell@udesc.br;



disponíveis por completo na plataforma, publicado nos idiomas “Português”, “Inglês” e “Espanhol”, entre 1950 até 2023. Aplicando-os restaram 97 artigos e após uma segunda filtragem, sendo verificados o título, resumo e considerações finais, restaram 14 artigos para serem lidos e analisados na íntegra. Nota-se que o número reduzido de resultados, evidencia a escassez de trabalhos voltados para a área de Educação Sexual Emancipatória (ESE) destacando também a necessidade de novos estudos que considerem aspectos linguísticos e culturais da Comunidade Surda, reforçando a importância de desenvolver materiais e propostas didáticas que promovam uma ESE inclusiva para os Sujeitos Surdos. Com isso em mente, o objetivo agora é aprofundar essa investigação, focando na análise da existência de materiais e produtos educacionais voltados para Sujeitos Surdos, à luz da Educação Sexual Emancipatória Intencional (ESEI). Além disso, busca-se compreender de que maneira esses materiais e produtos contribuem para a Educação Sexual de Surdos, dentro dessa perspectiva emancipatória e intencional.

METODOLOGIA

No presente artigo buscam-se pesquisas para entender quais materiais e produtos educacionais adaptados para Sujeitos Surdos existem para a ESEI. Nessa perspectiva, partiu-se para uma revisão bibliográfica que, segundo Fonseca (2002, p.32) *apud* Gerhardt e Silveira (2009, p. 37) “É feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites”. Utiliza-se também o método quali quantitativo, que segundo Rangel, Rodrigues e Mocarzel (2018 p. 6) define -se como análises de dados de investigações, pretendendo-se mensurá-lo e dimensioná-los. Tal método e revisão foram utilizados tendo em vista desenvolver uma Revisão de Escopo, a qual, conforme Mattar e Ramos (2021, p.47), define-se como resumir a literatura existente sobre um tópico de interesse específico, fornecendo aos leitores uma base para compreender o estado atual da área em questão. Assim, pretende-se investigar a existência de materiais e produtos educacionais pensados para Sujeitos Surdos na perspectiva da Educação Sexual Emancipatória Intencional. Além disso, busca-se entender de que forma esses materiais e produtos educacionais contribuem para a Educação Sexual de Surdos em uma perspectiva emancipatória intencional.

A busca aconteceu em três bases de dados diferentes: Google Acadêmico, SciELO e Periódico CAPES e foram usados as seguintes *strings* de pesquisa: produto educacional; violência sexual; surdez; deficiência auditiva. Dessa forma, obteve 79 resultados no Google



Acadêmico e nenhum nas bases SciELO e Periódicos CAPES. Por fim, a pesquisa foi realizada em outros três periódicos: UDESC, UFSC e UNESP. Nestes, tivemos um total de 30 artigos encontrados que abordam a temática. Os critérios de inclusão foram: trabalhos com Sujeitos Surdos que envolvessem a formação Educação Sexual, publicados no idioma Português e publicados entre 1950 até 2023. Já os critérios de exclusão foram: publicações duplicadas, artigos de revisão, não disponibilização do resumo e do texto completo por via online e de forma gratuita. Dessa forma, após a aplicação dos critérios supracitados, obtivemos os seguintes resultados: Google Acadêmico - 3 artigos, Periódicos Udesc - 1 artigo e os outros periódicos e mecanismos de pesquisas não tiveram nenhum artigo. Por fim, para os 4 artigos foram lidos seus títulos, resumos e considerações finais, realizando assim uma segunda filtragem, remanescendo 1 (um) artigo encontrado no Periódico UDESC, intitulado A série de videoaulas “Edusexcomunica” à luz da DDSDH: análise de conteúdo dos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas produzidos de 2013 a 2018 de autoria da Mellany Viaro Gobbi de Mattos. Além disso, foram reavaliados os resultados que tinham sido obtidos na pesquisa anterior, mas agora tendo como objetivo identificar quais materiais e produtos educacionais adaptados para Sujeitos Surdos estão alinhados para a Educação Sexual Emancipatória Intencional. Dessa forma, aplicados os critérios de inclusão e exclusão supracitados, obteve-se como resultado 1 (um) artigo encontrado no Periódico UNESP, intitulado Sexualidade espaço escolar: direito linguístico do discente Surdo de autoria do Luciano Ortiz.

REFERENCIAL TEÓRICO

Primeiramente, é importante compreender o que envolve a Educação Sexual. Segundo Girondi, Nothhaft e Mallmann (2006, p. 163), "a educação sexual, como constitutiva do processo educativo das pessoas, pode resultar no modo como as mesmas reagem às questões sexuais e na maneira como vivem a sexualidade." Por isso, é fundamental abordar temas relacionados à sexualidade ao longo de toda a vida, especialmente na infância e adolescência. A escola e o professor, nesse contexto, se apresentam como um espaço social significativo onde o adolescente pode compartilhar suas experiências, curiosidades, dúvidas e inquietações sobre a sexualidade. Apesar de ter essa importância na formação como cidadão e na Educação Sexual, muitas das vezes o professor e a escola podem fugir dessa responsabilidade não trabalhando ou silenciando o debate acerca da temática. Além disso, se o profissional quiser trabalhar a Educação Sexual em sala de aula, há a possibilidade de ser por um viés biológico,



desconsiderando toda a parte social, mostrando apenas assuntos como gravidez precoce, IST's (principalmente AIDS) e métodos contraceptivos, o que pode assustar os alunos. Barbosa e Rodrigues (2012, p.2) destacam que a sexualidade é mais do que isso, segundo os autores: “A sexualidade não é somente o ato sexual, é toda forma de sentir, atuar e se relacionar com uma pessoa. Por isso que ela é tão importante para as pessoas. E constantemente manipuláveis pela religião, economia e política, para conseguirem o que desejam.”.

É necessário destacar que a sexualidade faz parte intrínseca do ser humano. Somos, de fato, considerados seres sexuais, e qualquer interação social pode ser vista como uma forma de expressar nossa sexualidade para o outro. Como afirma Caust (2019, p. 13), todo ser humano vive e cresce desenvolvendo sua sexualidade a partir das mudanças corporais e mentais ao longo do seu desenvolvimento. Mudanças como: o crescimento, amadurecimento, práticas sexuais, orientação sexual, entre outras. Essas perspectivas ressaltam a importância de entender a sexualidade como um aspecto multifacetado, influenciado pelo corpo, cultura, história e o contexto social, fatores que devem ser integrados ao processo de Educação Sexual.

Uma abordagem que engloba todos esses parâmetros está fundamentada na concepção de Paulo Freire, apresentada em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que discute a Educação Emancipatória Intencional. De acordo com Freire, a Educação Emancipatória se torna completa quando o indivíduo passa por um processo de humanização, adquirindo conhecimentos e os compartilhando com outros. Além disso, não podemos apenas emancipar a ideia da Educação Sexual sem Intencionar ela a um grupo ou ao indivíduo com base nas suas vivências e cultura. Como Melo et al. (2011, p. 49) *apud* Pacheco (2016, p.18) comentam que uma abordagem de Educação Sexual é fundamentada e completa numa perspectiva Emancipatória Intencional, mostrando-se como um viés temática político-pedagógico fundamental.

Ao aplicar esse conceito à Educação Sexual, sob uma perspectiva Emancipatória Intencional, busca-se a plena humanização do sujeito, compreendendo-o em sua totalidade e promovendo a transferência desse conhecimento para a sociedade. Furlani (2005, p. 180) acrescenta “No entanto, a educação pode, também, libertar e, para isso, ela deve ser crítica, flexível, participativa e dialógica. Esta é a “educação libertadora”. [...] Esta “pedagogia do oprimido” é que pode desvelar a realidade opressora em sua totalidade, tornando o sujeito consciente da situação da exploração em que vive, e, pela luta, transformar sua realidade”.



Pensando nisso, quando entendemos a Comunidade Surda como uma minoria linguística com uma cultura própria, começamos a desenvolver raciocínios específicos para a ESE.

COMUNIDADE SURDA, ESEI E A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS

Para discutir a Educação Sexual Emancipatória Intencional (ESEI) voltada para Sujeitos Surdos, é fundamental compreender o conceito de Comunidade Surda. Segundo Pereira (2011, p.66) a língua e as relações humanas são produtores de cultura e as Comunidades Surdas preenchem os requisitos desta definição, estimam seus espaços em comunidades, partilham a experiência de serem Surdos e de terem uma história cultural em comum. A Comunidade Surda é definida, principalmente, pela diferença linguística e pela construção cultural e histórica que emerge dessa singularidade. Strobel (2016) aponta que essa comunidade é formada por pessoas que compartilham identidade cultural, linguística e vivências comuns relacionadas à surdez. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é o principal meio de comunicação dessa comunidade, abrangendo não apenas os Surdos, mas também Surdos Oralizados (que utilizam leitura labial e/ou fala), familiares, intérpretes, educadores especializados e outros profissionais ligados à surdez. A Libras é essencial para garantir uma comunicação eficaz e direta entre as pessoas Surdas e a sociedade em geral. Entretanto, a insuficiência de seu ensino nas escolas e universidades contribui para a formação de profissionais despreparados para atender às demandas do público Surdo. Um exemplo disso seria o que França, Pontes, Costa e França (2016, p.113) destacam, que os Sujeitos Surdos severos enfrentam dificuldades em uma consulta médica devido à infraestrutura inadequada para o atendimento e à falta de comunicação em Libras com os profissionais.

Além disso, Novaes (2014, p.164) *apud* Aguiar e Araújo (2020, p.225) destaca o despreparo dos professores perante a Libras, a falta do conhecimento sobre a Cultura Surda e mesmo melhorando a comunicação entre ambas as partes com o intérprete, o Sujeito Surdo não aprende o currículo exigido. Esses desafios reforçam a necessidade de desenvolver materiais educativos voltados para a Educação Sexual de forma Emancipatória e Intencional, adaptados para os Surdos e acessíveis em Libras. Isso é essencial para que os Sujeitos Surdos possam compreender seu próprio ser e se comunicar de maneira eficaz na sociedade. Karnopp (2010, p.160) observa que por não fazer parte de uma cultura universal, os Estudantes Surdos



não possuem são incluídos quando olhamos para dentro da escola, principalmente no contexto de produção de materiais adaptados para sua língua, ou seja, Libras.

A criação de materiais adaptados ainda enfrenta desafios, principalmente em função do tabu que cerca o tema da Educação Sexual e o despreparo dos professores perante a Libras e a Comunidade Surda. A ausência de iniciativas como cartilhas e jogos educativos prejudica a disseminação de conteúdos Emancipatórios Intencionais. Segundo Sá (2011, p. 34) *apud* Cruz, Cruz e Campelo (2018, p. 89) complementa esse pensamento comentando que, facilmente chegamos à conclusão de que a educação brasileira para Surdos historicamente tem o vergonhoso retrato do fracasso e da exclusão. As propostas para a educação de Surdos no Brasil, sempre baseadas na visão da “deficiência” (num viés apenas biológico), não conseguiram levá-los ao sucesso educacional, mesmo depois de mais de cento e cinquenta anos de tentativas. Assim, essa abordagem ressalta a relevância de ações que promovam uma Educação Sexual Inclusiva e Emancipatória Intencional para a Comunidade Surda, valorizando sua cultura e língua como pilares fundamentais no processo educativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo busca por pesquisas para entender quais materiais e produtos educacionais adaptados para Sujeitos Surdos existem para a ESEI. Com essa questão em mente, foi realizada a seleção de três artigos os quais discutimos nessa seção.

A pesquisa de Mattos (2017, p. 48) investiga materiais pedagógicos produzidos pelo grupo de extensão EDUSEX entre 2009 e 2018, com foco na Educação Sexual Emancipatória Intencional e na acessibilidade para Pessoas Surdas. Baseando-se na Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos (DDSDH), a autora utiliza as TICs para combater estereótipos e disseminar informações de forma crítica e inclusiva. Mattos (2017, p. 58) identifica quatro abordagens à Educação Sexual: a médico-biologista (centrada na reprodução), a normativo-institucional (regida por moral repressiva), a terapêutico-descompressiva (mercantilizada e baseada em autoajuda) e a emancipatória (que considera a sexualidade em sua complexidade cultural, social e ética). A última é destacada como ideal, propondo uma abordagem pedagógica que combina saber científico e experiências individuais, afastando-se de visões reducionistas. É uma visão parecida com a de Furlani (2011, p. 16) mas nesta, além da vertente emancipatória baseada em Paulo Freire, ela vincula a abordagem QUEER, que faz com que outros grupos minoritários e excluídos tenham participações ativas no processo pedagógico da Educação sexual.



A análise das videoaulas do projeto EDUSEX, alinhada aos princípios da DDS DH, realizada por Mattos (2017), destaca temas essenciais. A série conta com quatro aulas: A primeira enfatiza que a responsabilidade pela Educação Sexual não deve ser limitada aos professores de ciências, mas compartilhada entre todos os educadores. A segunda aborda a saúde física e mental de cuidadores e pacientes com transtornos mentais, ressaltando o papel do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) na promoção do autocuidado e na abordagem da sexualidade. A terceira aula discute as masculinidades, enfatizando como a Educação pode ajudar a desconstruir padrões de gênero opressivos. A quarta explora o *blended learning* na formação docente, destacando a importância de uma formação continuada e prática para evitar a desmotivação dos professores.

Mattos (2017, p. 86) conclui que a Educação Sexual, fundamentada nos princípios da DDS DH, desempenha um papel essencial na promoção do bem-estar humano e na construção de uma sociedade mais crítica e inclusiva. A série de videoaulas do projeto EDUSEX ilustra como práticas pedagógicas acessíveis e reflexivas podem contribuir para a emancipação dos sujeitos e para o respeito à diversidade.

No contexto da Educação Sexual para Sujeitos Surdos, Mattos (2017, p. 94) observa que as aulas foram adaptadas para Libras, ampliando o acesso da Comunidade Surda. Entretanto, é fundamental questionar se essa adaptação, isoladamente, é capaz de assegurar um processo de aprendizagem genuinamente emancipatório. Strobel (2016) complementa essa reflexão ao descrever a Comunidade Surda como um grupo que compartilha identidade cultural, linguística e experiências comuns relacionadas à surdez, caracterizando-se pela Libras como principal meio de comunicação. Essa comunidade inclui Indivíduos Surdos, Surdos Oralizados, familiares, intérpretes de Libras, educadores especializados e outros profissionais que atuam em questões relacionadas à surdez. Dessa forma, para que a Educação Sexual da Pessoa Surda seja Emancipatória e Intencional, é crucial considerá-la dentro do contexto de sua cultura e comunidade. Apenas com essa compreensão mais ampla será possível desenvolver um processo de aprendizagem efetivo e inclusivo que atenda às especificidades dessa população.

Ortiz (2023) realizou uma pesquisa sobre Educação Sexual para Sujeitos Surdos no Paraná, envolvendo a participação de 19 professores, entre Surdos, ouvintes bilíngues e intérpretes de Libras. Os dados foram coletados por meio de questionários online. O estudo revelou que a relutância dos Surdos em discutir a sexualidade, especialmente no ambiente familiar, está amplamente relacionada às barreiras linguísticas. Essa dificuldade pode ser ampliada, conforme apontam Silva et al. (2015) *apud* Souza, Souza e Santos (2019, p. 287),



ao destacarem que a falta de capacitação dos professores para ministrar aulas a estudantes Surdos muitas vezes resulta na frustração desses alunos, que não conseguem compreender adequadamente o conteúdo apresentado.

Ortiz (2023, p. 49) enfatiza a importância de recursos educacionais adaptados para a Comunidade Surda, destacando materiais como o livro *Sinalizando a Prevenção das DST/Aids*, produzido pelo INES, e o manual de Meneghetti e Quintero (1998), que aborda temas como anatomia e ciclo menstrual em Libras. O autor também menciona o canal do youtuber Léo Viturino e um aplicativo da UENP, que disponibiliza termos e sinais relacionados à Educação Sexual. Outro destaque do estudo de Ortiz (2023, p. 52) é o projeto de extensão "Educação Surda: Educação Sexual, Gênero e Diversidade", da UNICENTRO, que tem como objetivo promover reflexões sobre esses temas e desenvolver um glossário bilíngue com termos de sexualidade, gênero e diversidade, acompanhados de conceitos em Libras por meio de vídeos em plataformas online. Por fim, Ortiz propõe um glossário educacional que reúne expressões e definições voltadas à Educação Sexual para Surdos, reforçando a necessidade de materiais acessíveis e inclusivos.

Apesar das legislações e iniciativas, como a Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão dos Surdos, e o Decreto nº 5.626/2005, que torna a Libras disciplina obrigatória nos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia com o objetivo de garantir o acesso à educação para Surdos e capacitar os professores, ainda persistem desafios significativos. Entre eles, estão os obstáculos linguísticos, a falta de preparo de muitos profissionais, a carga horária insuficiente nos cursos de Libras e a escassez de materiais informativos adaptados. Paiva, Faria e Chaveiro (2018, p. 73) apontam que "parece-nos evidente a impossibilidade de que alguém consiga dominar uma língua em tão curto espaço de tempo, ainda mais no caso de uma língua pertencente a uma modalidade diferente daquela usada pelo aprendiz", o que evidencia a dificuldade, inclusive nas instituições acadêmicas, em reconhecer a Libras como uma língua legítima e, conseqüentemente, a falta de materiais adequados em áreas como a Educação Sexual para Surdos. Silva et al. (2015) *apud* Souza, Souza e Santos (2019, p. 287), ressaltam que "os professores, por não estarem capacitados a ministrar aulas para os alunos Surdos, acabam frustrando os mesmos por não compreenderem o conteúdo que está sendo explicado". Embora o aluno Surdo seja auxiliado pelo intérprete de Libras, o professor tem o dever de interagir com esse aluno e facilitar a comunicação com os colegas de classe, pois sua função é formar cidadãos e ser um agente de mudança no contexto social. Diante das questões discutidas, como falta de preparo dos profissionais, falta de materiais adaptados para Surdos e a carga



horária insuficiente nos cursos de Libras, é evidente a necessidade de pesquisas focadas na educação de Surdos, que considerem suas especificidades linguísticas e culturais, especialmente no campo da Educação Sexual Emancipatória Intencional, uma vez que as pesquisas existentes ainda são limitadas e o material desenvolvido é insuficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas de Mattos (2017) e Ortiz (2023) representam avanços significativos na área da Educação Sexual para Surdos, abordando tanto a adaptação dos materiais pedagógicos quanto a análise de recursos e práticas educacionais que buscam promover uma educação mais inclusiva e emancipatória. Mattos (2017) destaca a importância de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade cultural e linguística dos Sujeitos Surdos, além de integrar a abordagem emancipatória à Educação Sexual, alinhada aos princípios da Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos (DDSDH). A adaptação das videoaulas do projeto EDUSEX para Libras é um exemplo de como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem ser utilizadas para ampliar o acesso e desafiar estereótipos, mas questiona-se se isso é suficiente para garantir um processo de aprendizagem verdadeiramente emancipatório, o que demanda uma análise mais profunda sobre as especificidades culturais e comunitárias dos Sujeitos Surdos.

Ortiz (2023), por sua vez, investiga a Educação Sexual para Surdos no Paraná, destacando a importância de recursos educacionais adaptados, como livros e glossários bilíngues, que são fundamentais para fornecer informações sobre sexualidade de forma acessível. No entanto, ele também aponta que as barreiras linguísticas e a falta de capacitação dos profissionais são obstáculos persistentes, o que reforça a necessidade de mais materiais pedagógicos desenvolvidos especificamente para a Educação Sexual dos Surdos. Apesar dos avanços, as pesquisas nessa área ainda são escassas, o que representa um grande desafio para a criação de um ambiente educacional inclusivo e emancipatório para a Comunidade Surda. As legislações que reconhecem a Libras como disciplina obrigatória nos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia são um passo importante, mas a efetiva capacitação dos profissionais e o desenvolvimento de materiais adequados ainda são insuficientes. Nota-se que a pesquisa de Mattos (2017) está alinhada com a Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos (DDSDH), entretanto quando analisamos a Inclusão do Surdo, não basta apenas colocar as videoaulas disponíveis em Libras mas sim, incluí-lo no processo de produção, realizar videoaulas com a Educação Sexual do Surdo sendo pauta principal, trazer



pesquisadores Surdos para debater o assunto numa perspectiva da ESEI. Em suma, é preciso pensar na perspectiva do que “Nada sobre nós, sem nós” (essa frase foi expressa por William Rowland, ativista negro sul-africano, em plena luta contra o Apartheid, nesse país, e adotada pela Disabled People South Africa (DPSA – Pessoas Deficientes Sul-Africanas), em 1986) (Sasaki (2007) *apud* Pagni (2024, p. 6)). A falta de materiais de Educação Sexual adaptados para a realidade dos Surdos é uma lacuna significativa, que deve ser abordada com urgência, a fim de promover um ensino que realmente atenda às necessidades dessa população. Portanto, é essencial que mais pesquisas e iniciativas sejam desenvolvidas para expandir o campo da Educação Sexual para Surdos, considerando suas especificidades linguísticas, culturais e sociais. Podemos citar alguns trabalhos que trazem a ESEI para Surdos, como o Produto Educacional de Silva (2021), que desenvolveu um glossário com inúmeros sinais em Libras e em Escritas de Sinais (SignWriting) sobre a comunidade LGBTQIA+ e a temática da Educação Sexual, tendo como intuito o desenvolvimento de novos sinais sobre a temática. E também, o influencer digital como Léo Viturino que é Surdo e possui um canal no YouTube e uma página no Instagram que trás vídeos e *Reels* sobre a comunidade LGBTQIA+ e discussões sobre sexualidade e representatividade em Libras. O trabalho de Mattos (2017) e Ortiz (2023) serve como ponto de partida, mas a área ainda carece de um maior volume de estudos e materiais pedagógicos que possam garantir uma Educação Sexual Emancipatória Intencional e verdadeiramente inclusiva para a comunidade Surda.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Grupo de Pesquisa em Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais - PEINE, ao Laboratório de Psicologia da Educação e Inclusão - LAPSI e à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Vanessa Coelho; RODRIGUES, Hosana Suelen Justino. O ambiente escolar: Uma visão da construção social da sexualidade. **Fórum Internacional de Pedagogia**, Campina Grande, v. 4, n. 1, p. 1-8, jun. 2012.

BRASIL. **Lei Federal no 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua



Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>>.

CAUST, Carla May. **Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório por meio de rodas de conversa**. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias, Universidade do Estado de Santa Catarina, Joinville, 2021.

CRUZ, Jéssica Milena Leal da Silva; CRUZ, Rodrigo Gonçalves; CAMPELO, Wanúbya do Nascimento Moraes. A UTILIZAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS DIGITAIS EM LIBRAS NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS. **Littera Online**, Pará, v. 9, n. 1, p. 86-96, jan. 2018.

DECRETO. **Número 5.626, de 22 de Dezembro de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade da matéria de Libras no ensino superior e magistério. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar! - Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis**. 2005. 272 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 187 p.

FRANÇA, Eurípedes Gil de; PONTES, Maiary Andrade; COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti; FRANÇA, Inácia Sátiro Xavier de. DIFICULDADES DE PROFISSIONAIS NA ATENÇÃO À SAÚDE DA PESSOA COM SURDEZ SEVERA. **Ciencia y Enfermeria XXII**, [s. l], v. 1, n. 3, p. 107-116, fev. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 81. ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2022. 256 p.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Rio Grande do Sul: Ufrgs, 2009. 120 p.

GIRONDI, Juliana Balbinot; NOTHAFT, Simone Cristine dos Santos; MALLMANN, Franciole Maria Bridi. A metodologia problematizadora utilizada pelo enfermeiro na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, p. 161-165, ago. 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise de literatura surda. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36, n. 1, p. 155-174, ago. 2010.

MATTOS, Mellany Viaro Gobbi de. **A série de videoaulas "Edusexcomunica" à luz da DDSH: análise de conteúdo dos materiais pedagógicos com interfaces midiáticas produzidas de 2013 a 2018**. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.



- MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação: Abordagens qualitativas, quantitativas e mistas**. São Paulo: Almedina, 2021. 469 p.
- ORTIZ, Luciano. **Sexualidade espaço escolar: direito linguístico do discente surdo**. 2021. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2023.
- PACHECO, Raquel da Veiga. **Consolidação da educação sexual como tema de pesquisa no Brasil: mapeamento das dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em educação**. 2016. 178 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- PAGNI, Pedro Angelo. "Nada sobre nós sem corpo comum": outro paradigma para inclusão no ensino superior. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 40, n. 1, p. 1-26, jan. 2024.
- PAIVA, Gláucia Xavier dos Santos; FARIA, Juliana Guimarães; CHAVEIRO, Neuma. O Ensino de Libras nos cursos de formação de professores: desafios e possibilidades. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 67-80, jun. 2018.
- PEREIRA, Joana Moredo. Cultura Surda – a bandeira de um povo dentro de outro. **Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (Ciis)**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 65-70, mar. 2011.
- RANGEL, Mary; RODRIGUES, Jéssica do Nascimento; MOCARZEL, Marcelo. Fundamentos e princípios das opções metodológicas: metodologias quantitativas e procedimentos quali-quantitativos de pesquisa. **Omnia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 05-11, jun. 2018.
- SILVA, Leticia Regiane da. **Tirando os sinais dos armários: influencers surdos como agentes na expansão lexical em comunidades de práticas LGBTI+**. 2019. 97 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.
- SOUZA, Márcia Maria da Silva; SOUZA, Leonardo José do Nascimento; SANTOS, Nádja Maria da Silva. Aprendizagens dos alunos surdos na perspectiva de intérprete de Libras. **Revista Inclusiones**, [s. l], v. 6, n. 1, p. 276-293, 25 set. 2019.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: Edufsc, 2016. 146 p.

